

SARTRE E ALGUNS CONTOS DE VERGÍLIO FERREIRA

Hélder Godinho

Universidade Nova de Lisboa

Vergílio Ferreira deixou-nos um espólio muito rico do qual se destacam alguns textos inéditos, entre os quais um manuscrito que contém um diário dos anos '40, precisamente da altura em que estava a ler Sartre e outros filósofos.

Sabíamos de outros textos, por exemplo da «Auto-análise literária», conferência feita em Salamanca em 1972 e inserida em *Espaço do Invisível II*,¹ que a sua entrada no existencialismo se dera pelo cruzamento de Hegel e de Sartre: com efeito, por altura de *Vagão J*, «foi quando descobri Hegel.» (p. 13), o Hegel do pantragismo, e daí nasceu *Mudança*. «Singualmente, porém, mas não paradoxalmente, com este meu heterodoxo hegelianismo, cruzou-se a descoberta do Existencialismo, mormente através de *L'être et le néant*. E o ponto de união foi a célebre “consciência infeliz” hegeliana, mola de todo o seu pensar» (p. 14). Por este diário inédito, que a Prof.^a Fernanda Irene Fonseca está a preparar para edição (e foi graças à gentileza dela que tive acesso a alguns excertos desse diário que recentemente apresentou num outro Colóquio sobre Sartre), ficamos a saber mais pormenores desse encontro de Vergílio Ferreira com os dois filósofos porque nele vai anotando dia a dia os progressos da leitura. Ficamos a saber, entre outras coisas, que acabou de ler *L'être et le néant* antes de ter acabado de escrever a *Mudança* e antes de ter acabado de ler a *Fenomenologia do Espírito*. De qualquer modo, os anos de 44-49, entre os quais o diário decorre, são os anos das grandes leituras dos filósofos, entre os quais Kant, Sartre e Hegel, destacando sempre Vergílio Ferreira Sartre e Hegel pelos comentários que lhes dedica.

Além do testemunho da «Auto-análise literária» que referi, em muitos outros lugares da vasta obra de Vergílio Ferreira se encontram referências a

¹ Lisboa, Arcádia, 1976, pp. 9-19.

Sartre e à influência que sobre ele exerceu – ou não exerceu, porque os testemunhos são, por vezes, contraditórios. Destaco, ainda da «Auto-análise»: «o cartesianismo de Sartre, a sua fixação num estrito domínio “racional”, nunca me entusiasmou muito. Mais do que uma discussão teórica da “liberdade”, importava-me o problema de lhe dar um destino, o interrogar-me sobre o “para quê” do próprio homem. Assim me interessou mais um Camus, ou um Jaspers, ou um Heidegger da 1ª fase, e acessoriamente, um Kierkegaard. Mas sobretudo, como o impacto com Eça, atingiu-me a expressão de toda esta problemática na obra de Malraux.» (p. 15). Ou algumas ocorrências em *Conta Corrente* ou *Espaço do Invisível*: «...vibre com a inteligência de Sartre ou antes com aquilo que nele é uma locomotiva de pensar. E uma máquina admira-se mas não se ama.» (CC. II², p. 11); «Sartre é um justo. (...) Somente se Sartre não fosse um justo, nós não poderíamos reconhecer-nos nele e amá-lo. Porque nós amamo-lo mesmo nos seus erros que são os da nossa desorientação.» (EI II³, p. 284); em CC II, depois de dizer que o filósofo de Régio é Bergson, declara: «os meus são Jaspers, Heidegger, Sartre.» (p. 109); em CC III⁴, na morte de Sartre: «Sartre foi sempre para mim um escritor que muito admirei. Mas a afeição passa por outro lado, às vezes por quem lhe é inferior como Camus.» (p. 33). E, para terminar, de CC V⁵: «Mas o existencialismo de Sartre não me influenciou *absolutamente em nada*, para além de episódicos encontros, sempre, aliás, discutíveis.» (p. 87). Ou: «A problemática existencial também andava “no ar”. Sei eu lá bem onde a apanhei. Sei eu mesmo lá bem o que é realmente *meu* e o que é dos parceiros que me passaram ao alcance. Mas apanhar a coisa “no ar” agora é um crime de baixa criação literária. A dar aqui a lista dos autores que por cá passaram era um não mais acabar.» (p. 192). E, por último: «Desde *Mudança* que toda a minha literatura tem que ver com o existencialismo. Mas sendo assim, por força se tem querido descobrir nela o rasto dele, nomeadamente de Sartre. Ora eu só tenho que ver com uma problemática geral, a que não vem codificada em alíneas e parágrafos, a que se define por uma certa posição em face da vida, a que tem menos que ver com Sartre do que com Dostoievski ou Pascal, a que é *menos* uma filosofia do que um tonalidade de ser.» (p. 571).

Tudo isto o sabíamos da obra publicada de Vergílio Ferreira. Hoje, interessa-me comentar duas afirmações desse diário inédito dos anos '40:

«Escrevi um conto [anotado a lápis, por cima: Jacinto, o Livre] sobre a liberdade de Sartre.» (Évora, 15 de Novembro de 1948). E: «Ainda Sartre. Decididamente leio este sujeito com prazer. (...) Do *Teatro* li *Huis clos* e

² Lisboa, Bertrand, 1981.

³ Lisboa, Arcádia, 1976.

⁴ Lisboa, Bertrand, 1983.

⁵ Lisboa, Bertrand, 1987.

Morts sans sépulture. Este último, esmagador.» (Évora, 24 de Março de 1949).

Vejamos, então, *Jacinto, o Livre* (que é uma paródia da liberdade de Sartre) e tentemos perceber porque é que *Morts sans sépulture* foi classificado de *esmagador*.

«Jacinto, o Livre» é um conto que foi incluído, apenas, em *A Face sangrenta*, a primeira colectânea de contos de Vergílio Ferreira, publicada em 1953. Todos os outros contos nela incluídos foram reeditados noutras colecções com o título de *Contos*, às várias edições dos quais foram sendo acrescentados novos contos mas «Jacinto, o Livre» nunca mais foi incluído, o que o torna de acesso difícil.

A história de Jacinto é contada pelo seu irmão Leonel, que se comporta de modo normal e tem sucesso na vida, enquanto que Jacinto se opõe sempre a tudo, sobretudo na infância e juventude, ao ponto de, na Faculdade, ser alcunhado de *efeito contrário*, oposição essa por vezes incompreensível com a qual procurava afirmar a sua liberdade. Jacinto consegue algum nome e glória desde que começou a colaborar na *Folha Coimbrã* e de os seus admiradores o terem levado a fundar a *Associação dos homens livres* e de ter escrito 3000 páginas mas, tendo-se formado em Direito, conseguiu apenas um miserável emprego na Câmara, depois de se ter acabado por casar com uma das filhas do Marques, como os pais lhe tinham proposto – ou, como ele quis. Vergílio Ferreira vai parodiando as situações, como quando o irmão Leonel lhe diz que ele devia baixar a grimpá à mulher que o sustenta: «Sou livre de o fazer (...) Sou livre de aceitar a mesada do sogro, de não acabar o curso, de deixar a mulher. Mas precisamente por isso, também sou livre do contrário.» Ao que o irmão pensa que, «apesar disso, não acabava de entender porque é que Jacinto, sendo livre de fazer tudo, só fazia asneiras ou aquilo que desgraçadamente não tinha outro remédio senão fazer. Pobre Jacinto! Toda a sua vida tem sido um compêndio aberto de liberdade. Livre de ficar em casa do Marques, dois anos, à espera de emprego, depois de formado; livre de sofrer ou não com a morte da segunda filha, ao cabo de três anos paralíticos; livre de suportar com paciência a cacetada do Vasques labrego, por causa de um marco de terras.» (p. 22). O conto termina com o irmão a incitá-lo a melhorar a vida e Jacinto a responder: «Impossível. Agora é tarde. A minha sorte está escolhida. Mas conforta, Leonel, ter a certeza de que escolhi precisamente o que quis.»⁶(p. 24).

Ora, neste diário dos anos '40, os anos em que tomou contacto com a obra de Sartre, Vergílio Ferreira não só declara que escreveu este conto sobre a liberdade, que parodia, como também discute larga e ambivalentemente a obra de Sartre, além de, como vimos e realço, classificar de “esma-

⁶ «Jacinto, o Livre», in *A Face Sangrenta*, sl, 1953, pp.12-24.

gador” *Morts sans sépulture*. Embora não o declare expressamente, ao contrário do que faz com «Jacinto, o Livre», é evidente que a problemática desta peça o levou a escrever um outro conto, também desta época, ou de não muitos anos depois, intitulado «O Jogo de Deus»⁷, e também inserido em *A Face Sangrenta*, mas, desta vez, reeditado nos volumes seguintes de Contos.

«O Jogo de Deus» conta a história de uma espécie de movimento de salvação nacional encabeçado por um Chefe que começou por ser uma voz, a Grande Voz, e que acabou por tomar o poder e a quem os seus correligionários não poupam adjetivos: Filipe o Grande, o Único, o Máximo, Bem-Amado Chefe, Amigo e Pai, etc. Só que «sete anos, três meses e vinte e cinco dias depois de alcançado o poder, Filipe o Único morria de um desarranjo de tripa.» (p. 47) É, então, substituído por Artur que pretende ser adorado como Filipe tinha sido. Só que o narrador, amigo de infância de Artur, sabia que ele tinha uma úlcera no duodeno e emprestava-lhe dinheiro nos fins de mês quando eram novos. Por isso, não tinha para com ele a distância que permitisse a adoração. Além disso, pergunta o narrador a Artur, «supõe agora por cima de tudo isso, que assistias à morte sucessiva de três, quatro Chefes, e à subida de outros tantos ao poder. Poderias tu adorá-los como a deuses? Não podias, Artur, estoiravas. Morrias de indigestão. Quatro deuses são demais para um estômago só. Vomitavas três, ficavas com o outro. Porque a questão é esta: durante a juventude é que nós nos abastecemos de deuses para toda a vida. Depois, acabou.» (p. 51). De modo que o narrador é preso oito dias depois e aguarda a execução, recebendo na prisão a visita de Artur que lhe diz: «Tudo isto é triste, meu caro. Mas ainda ontem eu olhava um retrato meu na Praça Grande e pensava: “*Ele* não crê em mim. Este retrato, estas legendas, para *ele* são ridículas”. Ora como posso eu acreditar em mim, se houver um homem, um só, que não acredite? E se precisamente esse homem for o meu maior amigo?» (p. 52).

Ou seja, encontramos aqui simultaneamente uma velha questão vergiliana (e sartriana) que já por essa altura se manifestara no primeiro romance do autor, *O Caminho Fica Longe* (escrito em 1938, antes do encontro com Sartre) e que é a necessidade e/ou a impossibilidade de encontrar um olhar que nos crie e dê consistência e identidade. Ora, a peça de teatro, «*Morts sans sépulture*», a tal que Vergílio Ferreira classificou de “esmagadora”, vem dar a essa questão um corpo literário que o impressionou particularmente e onde encontramos a questão do olhar do outro que nos determina e que leva ao assassinio final dos resistentes para que mais ninguém saiba o que aconteceu ali («*Dans un instant, personne ne pensera plus rien de tout ceci. Personne d’autre que nous*») e onde encontramos, também, a questão de uma

⁷ Há, no espólio, um manuscrito deste conto datado de “Évora, 1952”. Não temos, de momento, a certeza se é o primeiro manuscrito ou se é refacção de um anterior.

acção ou atitude final que resgate uma vida ou o seu falhanço, e que Vergílio Ferreira desenvolverá, sobretudo, em *Apelo da Noite*.

E não nos iludamos por causa do tom paródico do conto «O Jogo de Deus». Esse tom não nos deve fazer esquecer que o olhar do Outro que nos cria é um tema fundamental da obra vergiliana, em torno do qual já o primeiro romance se organizava, como já mostrei noutros lugares, muito antes, já o disse, de Vergílio Ferreira conhecer Sartre. Citarei apenas, desse romance, as seguintes passagens, de entre muitas que poderiam ser referidas, pois este é o problema que estrutura todo o romance: «Corria-lhe (...) a vida triste e estéril [a Rui, a personagem em torno da qual a acção se organiza], porque ninguém o olhava de modo a fazer-lhe sentir que ele era uma realidade. Vago, impreciso, esbatia-se na confusão dos que passavam anónimos. (...) Mas nada na vida lhe dissera ainda que ele era alguma coisa. (...) Mas se Joana o aceitasse, Rui sentiria o sabor gostoso de uma conquista. Ele valia alguma coisa. Porque ali estava a filha do ricoço abrindo-lhe os braços, dizendo-lhe que ele se não perdia na confusão dos sem nome.» (pp. 278-9).

Lembremos também, a propósito, uma referência que Vergílio Ferreira faz, na Introdução a *O Existencialismo é um Humanismo*, a *Huis clos* por causa do olhar do Outro: «... em *Huis clos* o “outro” não é já quase só o inimigo contra o qual em *L'être*, mais acentuadamente, Sartre nos convida a defender-nos. Além de juiz, ou seja, de instrumento para a nossa realização (já que, como se diz em *L'être*, ninguém é mau aos seus próprios olhos, já que é perante os outros que nós somos culpados) além de acusador e juiz, o “outro” é também o que valoriza o que somos: “Se eu fechasse os olhos, se me recusasse a olhar-te, que farias tu de toda esta beleza?” (p. 138)». (...) «o “tu” em *Huis clos* é um pólo de atracção, de necessidade, para lá do conflito que desencadeie. É o que em *L'âge de raison* se confirma. Toda a carta de Daniel a Mathieu (pp. 316-320) é a afirmação de que o olhar dos outros é que nos dá consciência de sermos – evocando assim a dialéctica hegeliana do eu-outro: “cada um é para si próprio e para o outro uma essência imediata que é para si mas que, ao mesmo tempo, é para si apenas através desta mediação”. [*La phénoménologie de l'esprit*, I, p. 157] (...) Mais do que um “inferno”, os outros são pois, não decerto um paraíso, mas uma irremovível condição para nos sabermos e assumirmos.»⁸

Ora, convém, talvez, lembrar que aquilo a que poderíamos chamar a linha orientadora de toda a obra de Vergílio Ferreira é a procura de uma Presença ausente que traria, caso fosse encontrada, o amor e a verdade porque, como diz, por exemplo, em *Pensar*⁹, «a verdade é amor» (p. 12).. Distante e perdida desde a Disjunção que separou a arquipersonagem do mundo original, essa Presença/Outro, actualmente perdida e muitas vezes remetida para a

⁸ Prefácio a *O Existencialismo é um Humanismo*, pp. 144-5.

⁹ Lisboa, Bertrand, 1992.

distância cósmica de uma estrela muito bela ou polar, se fosse encontrada traria o olhar que completaria a identidade da arquipersonagem e lhe traria o amor e o saber e a palavra que desse a cifra do universo. Os outros do quotidiano não têm “presença” suficiente para que o seu olhar dê consistência definitiva à arquipersonagem e, por isso, a inquietação e a busca têm de continuar.

Assim, para terminar, diria que o Diário dos anos '40 mostra que, antes de “*Morts sans sépulture*” e “*Huis clos*”, lidos na mesma altura e referidos no mesmo dia do diário, a relação com Sartre é difícil e negativa, sendo Sartre lido a partir de um olhar neo-realista. Embora diga que leu *L'être et le néant* com prazer (4 de Outubro de 1948), acrescenta: «Aquele mesmo prazer com que vou ao circo ver os ginastas. Sartre é inteligente. (...) Mas, tal como Kant, Sartre esquece a vida real e histórica.» E, a 15 de Agosto do mesmo ano de 1948, dissera: «Que longo vômito este *Les chemins de la Liberté* de Sartre.». Só a 24 de Março de 1949, o dia em que, como já vimos, declara que «*Morts sans sépulture*» é “esmagador” é que a relação com Sartre parece tornar-se mais “agradável”: «Ainda Sartre. Decididamente leio este sujeito com prazer. Os romances – que são a amostra exacta do que é, ao fim e ao cabo, o existencialismo – deram-me vômitos. Mas a crítica, a especulação, deliciam-me pela fina argúcia. Tenho ali o seu *Baudelaire* que começa bem. Do *Teatro*, li *Huis clos* e *Morts sans sépulture*. Este último, esmagador.» Essa necessidade do olhar do Outro (que fará, também, por exemplo, que a «P. respectueuse» denuncie o negro para ter o bom olhar da irmã do Senador) encontrou-se com a mesma necessidade já presente na obra pré-sartreana de Vergílio Ferreira e, talvez por isso, o impressionou tanto.